O MARIANO

ORGÃO DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS DO COLÉGIO CATARINENSE

Ano V | Florianópolis, Setembro de 1947 | N. 7

O CONSTRUTOR

Virtude: Uma boa intenção: amor de Deus, desejo do céu, medo do inferno.

Vício oposto: Agir por motivos pecaminosos ou puramente naturais.

O Construtor: "Tudo por vós, Sacratissimo Coração de Jesús". (300 dias de indulgência).

O Ajudante: "Glória, amor e graças sejam dadas ao Sagrado Coração de Jesús". (300 dias).

Método: Começa o dia dizendo cinco vezes as jaculatórias acima. Dize estas jaculatórias em grupos de cinco muitas vezes durante o dia. De noite, pergunta-te, quantas vezes as repetiste e marca o número num caderninho, comparando-o com o do dia anterior.

Construindo: Quão delicadamente afinadas estão as cordas de aspirações na harpa do coração humano! Tocamos a profunda corda da reverência, e a resposta é um hino de louvor a Deus: "Tudo por vós, Sacratissimo Coração de Jesús". Quando fere a corda de apreciação dos favores recebidos, teremos harmoniosas vibrações resjam dadas ao Sagrado Coração de Jesús". Agora ressoa a nota de arrependimento, e surge a ária plangente de reparação: "Coração Eucarístico de Jesús, tende piedade de nós". Pedimos socorro, e nossas aspirações voam ao Sagrado Coração: "Jesús, de todo o meu coração, eu confio em vós". Ferimos a nota de amor, e a resposta é uma harmonia de corações: "Glória, amor e graças sejam dadas ao Sagrado Coração de Jesús".

Na Defensiva: Satanás aparece frequentemente sob o disfarce de um anjo da luz e engana os incautos. Orgulho se apresenta como se fosse zêlo, vaidade empresta as roupas da humildade, inveja e ciumes escondem-se sob a máscara da justiça, sensualidade cobre-se com o manto da simpatia, forçando seu caminho ao coração dos que sofrem, ódio e vingança vêm montados como uns campiões da honestidade. — Nosso programa de defesa manda-nos desvendar os disfarces e repelir as tentações com atos positivos da intenção reta: "Tudo por vós, Sacratissimo Coração de Jesús". Estas lanças penetrarão as armaduras falsas do engano e construirão ao redor de nossa alma uma muralha de virtude legítima.

Na Ofensiva: A reta intenção é o "Toque Mágico" da vida espiritual. Como o rei Midas de antanho, tem o poder de transformar as ações ordinárias em grãos de ouro para o céu, ouro imperecível, que nos pode tornar perfeitamente felizes para sempre.

Aspirações de Reparação: "Mestre, trabalhamos tôda a noite e não apanhamos nada". Eis o grito de fracasso arrancado de incontados corações desilusionados que vivem para os prazeres passageiros dêste mundo, quando êles se acharão face a face com Deus, seu Juiz. Em espírito de reparação pelo passado, lancemos a rêde de nossas intenções do lado da graça pelo amor de Deus, e não por uma auto-satisfação pecaminosa, lancemos esta rêde oferendo grupos de aspirações de uma reta intenção.

Charles A. Imbs, S. J.

MARIANOS CÉLEBRES

7. Um Gênio Matemático

A supressão da Companhia de Jesús foi um golpe fatal para a Congregação Mariana. Pois não sòmente a ordem odiada, senão também as organizações e obras derivadas dela foram atingidas pelo famoso breve de supressão. Como, porém, a Companhia de Jesús não estava morta — vivia ainda na Rússia — assim a Congregação Mariana não fôra completamente aniquilada. Havia nos seis colégios dos jesuitas na Rússia CC. MM. florescentes; a C. M. da Annunziata em Roma fôra salva por dois sacerdotes. E em Paris, o P. João Baptista Delpuits, antigo jesuita, tentou restaurar a C. M. com seis estudantes das faculdades de medicina e de direito. Quando, em 1804, Pio VII chegou para coroar a Napoleão, o P. Delpuits pediu ao Soberano Pontífice a aprovação e bênção para o sodalicio nascente. E o Santo Padre concedeu-lhe todas as graças e privilégios das antigas Congregações Marianas.

Esta C. M. pode gloriar-se de [illegible] um de todos os tempos: Agostinho Luiz, Barão de Cauchy.

Agostinho nasceu aos 21 de Agôsto de 1789, em Paris. Seu pai, excelente latinista, proporcionou-lhe aquela formação clássica que é a base de tôda verdadeira cultura. Com treze anos acabou o ginásio e ganhou, dois anos mais tarde o "grand prix d'humanités", instituido pelo imperador Napoleão. Na faculdade de engenharia como depois na Escola de Pontes e Estradas manteve sempre o primeiro lugar. Depois de um tempo de repouso a que fôra forçado por seu estado de saúde, dedicou-se exclusivamente aos estudos matemáticos. Já tinha publicado uma série de trabalhos, quando em 1815, ganhou o concurso promovido pela Academia de Ciências, sôbre o tema: "Estabelecer a teoria da propagação das ondas na superfície de um fluido pesado, de profundidade indefinida".

Agora deu-se um fato que criou muitas inimizades ao homem que fôra capaz de resolver problemas que resistiram à sagacidade dos maiores matemáticos como Euler, Legendre, Lagrange e Gauss.

Já a sua religiosidade acentuada tinha-lhe grangeado muitos adversários, embora Cauchy nunca quisesse impôr aos outros as suas convicções pessoais. Mas com a queda de Napoleão e a restauração da realeza, veiu a reorganização da Academia das ciências. Uma ordenança real excluiu dois membros da Academia, sendo um dos escolhidos em seu lugar o grande matemático. Uma verdadeira tempestade desencadeou-se contra êle. Mas Cauchy obedeceu ao rei e não se importou com as vozes irritadas. E tal fidelidade ao monarca levou-o a sacrificar tudo: a cátedra de professor, a Academia, posição social, futuro e família.

A revolução de Julho de 1830 destronou os Bourbons. O novo regime impôs aos funcionários um juramento que Cauchy não podia prestar. Não jurou e exilou-se em Turin, onde Carlos Alberto criou para êle uma cátedra de física superior. Dois anos mais tarde, Carlos X chamou-o para dirigir a edução do seu primo, o duque de Chambord. Até 1838 vivia com seu real discípulo em várias cidades da monarquia austríaca. Depois dessa data voltou para a França para retomar suas atividades como membro da Academia das Ciências, na qual não se exigiu o juramento.

A república de 1848 nomeou ao grande filho de Maria professor de astronomia na Faculdade de Ciências. Napoleão III exigiu novamente o juramento. Cauchy negou-se mais uma vez a prestá-lo. Finalmente, foi dispensado desta formalidade.

Aos 22 de Maio de 1857 morreu Cauchy na sua casa de campo de Sceaux.

Abel dizia dêle que era o único de seu tempo que sabia como se devem tratar as matemáticas. Era membro de 18 Academias que se sentiam honradas só pelo fato de ver seu nome inscrito nos seus registros. Publicou além de 500 trabalhos científicos. Tôda a matemática moderna está cheia de sua influência, no dizer de um autor.

Nisto porém não se resume a sua vida.

Como católico genuino e como filho de Maria tomava parte ativa nas obras de caridade e no apostolado de educação da Igreja.

Acima de todos os outros títulos — aliás bem merecidos — punha o de Congregado Mariano.

Notáveis são as palavras do grande sábio: "Aprofundei-me no estudo das ciências humanas, particularmente nas chamadas ciências exatas, e reconheci cada vez melhor a verdade destas palavras de Bacon que, se um pouco de filosofia nos torna incrédulos, muita filosofia nos reconduz a sermos cristãos. Vi que todos os ataques dirigidos contra a revelação acabaram por fornecer novas provas da vedade dela".

Quando o célebre P. de Ravignan recebeu a notícia de morte de Cauchy, exclamou: "Tout le monde est convaincu que ce saint homme est allé droit au paradis. Ce bon M. Cauchy! il sera entré au ciel comme il entrait dans nos chambres, sans frapper à la porte".

É BOM SABER...

— A Universidade de Santo Domingo (República Dominicana) ofereceu para a construção dos Seminários Maior e Menor cincoenta mil metros quadrados nos terrenos da cidade universitária e o Reitor disse textualmente: "Como a religião católica forma parte essencial da alma dominicana, desejamos que os Padres da Companhia (de Jesús) se incorporem ao Professorado Universitário, sem deixar as classes do Seminário; oferecemos aos ditos Padres um curso de filosofia tomista, outro de filologia espanhola e autores castelhanos e outro terceiro de literatura e língua grega". Ademais estará ao cargo dos jesuitas um observatório meteorológico e sismico.

— Ao terminar a guerra civil na Espanha, começou-se a fundação das "Escolas Profissionais da Sagrada Familia". Cinco jesuitas estão encarregados com a sua direção. Aspiram à renovação total do operário e são inteiramente gratuitas. Atualmente existem cinco destas escolas e contam com 1.300 alunos, entre internos e externos.

— Em Bogotá, os jesuitas norte-americanos dirigem um colégio para moços, que, em 1945, teve uma matrícula de 411 alunos, dos quais 250 eram catálicos. O colégio goza de renome nacional.

— Em princípios de Setembro do ano passado foram postos em liberdade os missionários canadenses da Companhia de Jesús que tinham sido internados em Shanghai (China) pelas autoridades japonesas. Depois de sua libertação voltaram a seus postos para reconstruir suas obras que ficaram abandonadas durante a guerra. Apesar da situação angustiosa da China os jesuitas de Wuhú tiveram em seus colégios mais de 5.000 alunos entre 1940-1944 e atenderam, anualmente, em seus dispensários médicos a mais de 150.000 pessoas.

(De Nuestra Vida — Lima)

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

LIVROS

Vinte Anos debaixo do Mar, por J. E. Williamson; 2. edição; Livraria Tavares Martins; Porto; 1942. — Êste livro é o segundo volume da coleção "Por Terras de Maravilha" (Biblioteca de Viagens). Nele conta um realizador cinematográfico como êle, herdeiro de uma longa tradição marítima e, especialmente, do espírito inventor do pai, concebeu a idéia de fotografar o fundo do mar. Construiu para tal fim a sua "fotosfera". Tendo conseguido as primeiras fotografias submarinas, não viu razão porque não poderia cinematografar a vida misteriosa dos habitantes das profundezas oceânicas. Teve pleno êxito. Entretanto, por mais valiosas que fossem para o mundo erudito suas reportagens científicas, o grande público bem depressa havia de saciar a sua curiosidade e faltariam os meios pecuniários para a continuação das explorações submarinas. Por isto, Williamson filmou o célebre romance de Júlio Verne "Vinte Mil Léguas Submarinas". Mais tarde seguiu-o a "Ilha Misteriosa". Durante a realização destas películas não faltavam, naturalmente, numerosas e das mais variadas aventuras. Ao lado destes empreendimentos, marchavam as explorações científicas para gabinetes de história natural e museus. Tôda sorte de animais esquisitos foram colecionados. Afim de reconstruir fielmente o ambiente em que se movem os habitantes das profundidades, arrancaram-se ao solo submarino árvores de coral e outros acidentes da paisagem oceânica, sendo estes objetos remetidos para o "Field Museum" de Chicago, apesar das dificuldades opostas pelo vice-cônsul americano que suspeitava um contrabando de álcool em larga escala. O livro ganha muito pelas excelentes ilustrações que o acompanham. — Sec.: C.

Rumos da Educação, por Jacques Maritain; Livraria Agir Editora, Rio de Janeiro, 1947. — Neste volume volta-se o célebre filósofo francês para o problema máximo de todos os tempos: a formação intelectual e moral do homem. Baseado nas verdades inabaláveis da filosofia e teologia católica, expõe seu pensamento numa série de conferências na Universidade de Yale, nos Estados Unidos. Se Maritain, nestas conferências e no livro que surgiu delas ataca opiniões e métodos errados, não se contenta com destruir. Êle tem que dar normas positivas, apontar rumos que conduzem ao fim desejado. Com referência à educação moderna tem esta frase que caracteriza tôda a questão: "A criança é de tal maneira submetida a testes e observações, suas necessidades são tão bem delimitadas, sua psicologia tão dissecada, os métodos de facilitar-lhe a vida tão aperfeiçoados, — que a finalidade de tudo isso chega a ser esquecida ou desprezada". De suma importância é também o que o autor diz sôbre o ensino da religião. Afirma êle que "não podem ser compreendidos sem uma séria base teológica" nem a história, nem a situação interna da sociedade, nem as obras da arte e da literatura. Lembra a célebre sentença de Dom Bosco que no fundo de tôda questão política há a questão religiosa. Oxalá, fosse estudado êste livro não sòmente pelos pais, professores e estadistas, mas mesmo pelos educandos! — Sec.: C.

ESCOLA DE GUERRA (XVII)

(XVII)

34. (1) "Procurem os congregados fazer com tôda a diligência os exercícios de piedade, que são sobretudo necessários para uma vida de fervor. Todos os dias pela manhã, em se levantando, façam breves atos de fé, esperança e caridade, dêem graças à divina Majestade pelos benefícios recebidos, oferebam a Deus às suas obras com intenção de lucrarem tôdas as indulgências que naquele dia puderem e invoquem a Nª. Senhora rezando pelo menos três vezes a Saudação Angélica. (2) Assistam, sendo possível, ao santo Sacrifício da Missa. (3) Rezem o santíssimo Rosário ou qualquer Ofício de Nª. Senhora. (4) À noite, antes do deitar, examinem diligentemente a consciência, (5) e façam um fervoroso ato de contrição dos pecados de tôda a vida e especialmente dos cometidos naquele dia". (6).

Comentários: (1) Se quiseres saber que espécie de congregado tu és, pergunta-te, como observas esta Regra. Ela indica-te os meios mais elementares da santificação própria e de auxiliar ao próximo a salvar-se. (2) Observando-se esta Regra, combate-se eficazmente a tão espalhada indelicadez para com Deus Nosso Senhor: a de nem cumprimentar o nosso Pai e maior Bemfeitor. Mas a oração da manhã ainda outras vantagens tem: põe-nos na disposição conveniente para passarmos cristãmente o dia começado, alcança-nos os auxílios indispensáveis para o cumprimento de nossos deveres, enriquece as boas obras que podemos oferecer a Deus em favor das almas do Purgatório, eleva as nossas ações mais simples à categoria de obras meritórias com as quais podemos satisfazer por nossos pecados e alcançar novas graças em favor da obra de Cristo. (3) Podes rezar quanto quiseres, nunca alcançarás com todas as tuas orações o que podes conseguir com uma Sta. Missa bem ouvida. Lá Jesús não sòmente reza conosco, mas renova por nós e conosco Seu sublime Sacrifício da Cruz. (4) Haja interêsse, haja verdadeiro amor a Maria, e não faltará o tempo para rezar o terço. (5) Êste exame diário dá um profundo conhecimento de si mesmo e facilita o combate de nossa paixão predominante. Facilita também a preparação para a Sta. Confissão. (6) Não morrerá fàcilmente de improviso, com a alma em estado de pecado mortal, quem tiver êste costume. Além disto, o ato de contrição tornar-nos-á mais previdentes e conscios de nossa fraqueza e aumenta a nossa confiança em Deus. Aumenta também nosso amor de Deus e a prontidão para o sacrifício.

CONDUTA HERÓICA DE UM OFICIAL JAPONÊS

A seguinte história contam-na dois jovens oficiais da Marinha de Guerra norte-americana, testemunhas oculares. Ela apareceu pela primeira vez no periódico da Marinha em Cherry Point, North Carolina.

Os dois oficiais foram feitos prisioneiros em Bataan e levados com muitos outros aos navios que os deveriam conduzir ao Japão. Nos porões das embarcações, pequenos e hediondos, foram amontoados de tal forma que não ficou espaço para deitar-se. Quase faltava o ar para respirar. E o mau cheiro de tantos corpos suarentos e sem limpeza, as feridas infectadas e os excrementos humanos tornavam irrespirável aquela atmosfera.

Contudo, de vez em quando, uma onda de ar fresco se escorria para o porão abarrotado. Êsse alívio de ar fresco proporcionava-lho um jovem oficial japonês. Às furtadelas deslizava até a escotilha, entreabrindo-a com um empurrão.

Com o tempo pôde dar uma breve explicação aos prisioneiros: aquele oficial inimigo era católico, convertido pelos Padres de Maryknoll. Não sentia nenhum ódio aos americanos e, se lutava, era só porque seu país se achava em guerra. Todos os dias expunha sua vida ao procurar aquele pequeno alívio aos prisioneiros, fruto de sua caridade cristã.

O ponto culminante desta luta contra a morte chegou, quando um torpedo americano atingiu o casco do transporte. A [illegible] porém, sem antes ter fechado sòlidamente a escotilha que dava para o porão dos prisioneiros. Na escura e fétida prisão, os americanos esperavam a morte de um momento para o outro.

De repente, a escotilha se abriu de par em par, e o rosto do jovem tenente japonês assomou nela, convidando aos prisioneiros a salvarem-se. Estes começaram a sair ràpidamente do porão; entre êles estavam os dois jovens oficiais que contam o fato.

Quando êles emergiam, o tenente japonês caiu no convés do barco, mortalmente ferido pelo comandante do mesmo, que disparou sôbre êle seu revolver.

Ali morreu pouco depois o tenente japonês, enquanto os nimigos, aos quais tinha libertado, se lançavam de bordo do navio naufragado, uns para morrerem cobertos pelas ondas, outros para ultimar sua salvação. (Nuestra Vida — México).

ORATÓRIA ELEITORAL

Conta-se:

Em princípios dêste nosso século de cultura e civilização um esperançoso candidato a um assento no parlamento inglês teve que fazer sua propaganda eleitoral. Já que todos costumavam tomar por assunto principal a Home Rule irlandesa, decidiu-se o nosso futuro estadista por um ataque ao Papa, o que era também bastante comum ainda naqueles tempos.

Foi em Kilclavers que soltou as rédeas à sua eloquência com estas memoráveis "pedradas": "Homens de Kilclavers, consentireis que se monte uma casula na vossa praça principal? Consentireis que as vossas filhas sejam vendidas à simonia? Consentireis que nas vossas vias públicas se pratique o celibato?"

E todos os eleitores berravam una voce: "Nunca!!!"

CANTINHO LITÚRGICO

É preciso estar-se lembrado de que a Sta. Missa não é apenas uma série de orações e lições. Ela é uma ação. Ela é essencialmente um **Sacrifício**, o sacrifício do Novo Testamento.

Por esta razão, tudo quanto se relaciona com o ato sacrifical está ordenado e determinado: o lugar, a hora, o altar, as vestes sacerdotais, os textos sagrados, os ministros.

E por esta razão também distinguem-se as diferentes partes do santo sacrifício da Missa: uma parte preparatória e o sacrifício pròpriamente dito.

Aquela subdivide-se na parte deprecatória e na parte doutrinal. Esta compõe-se do Ofertório (preparação do sacrifício) da Consagração (o sacrifício) e da Comunhão, seguida da Ação de graças.

Todo êste conjunto constitue o ato adorando que é a Sta. Missa. Podem variar orações e lições, as côres dos paramentos, pode-se celebrar a Sta. Missa numa modesta capelinha, assistindo a ela apenas o ajudante, pode ela ser celebrada com o fausto sagrado de uma Missa pontifical em catedral majestosa: a Missa será sempre o mesmo sacrifício, o renovado sacrifício do Calvário.

CLUBE PAN-AMERICANO

Realizou-se domingo, dia 24 de Agôsto, às 9,30 horas, uma [illegible]

O Presidente Pedro Luiz de Oliveira, após a abertura da sessão, deu a palavra ao Vice-Presidente Lincoln Fernando Mendes para a leitura do discurso do Orador Oficial que se viu impedido de comparecer. Falou sôbre a Doutrina de Monroe que se resume no "slogan" "América para os Americanos"!

Por uma feliz coincidência tinha o seguinte orador, Revmo. P. Alberto Fuger, S. J., catedrático de história do Colégio Catarinense, escolhido um tema que ilustrava meridianamente os pensamentos do Orador Oficial. Depois de ter mostrado como várias guerras ensanguentavam o solo americano em consequência do princípio de Monroe, como, p. ex., a Guerra de Secessão e a Guerra de Cuba, prendeu a atenção de todos com sua interessantíssima preleção sôbre Maximiliano e Juarez no México.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

TU E A CONFISSÃO

DANIEL A. LORD, S. J.

(TRADUÇÃO)

(Continuação)

B. Perfeito. Natural e òbviamente tal arrependimento é muito mais nobre do que o arrependimento que provém do medo do inferno ou do reconhecimento da perda do céu. O homem dá-se conta de como Deus é bom e horrível o pecado. E por causa da beleza de Deus e de sua ambilidade e bondade odiamos o pecado e desejamos livrar-nos dêle.

"Se alguém me amar a mim, meu Pai amá-lo-á e viremos a êle e faremos a nossa mansão nele". diz Nosso Senhor.

Daí segue que, se não nos for possível a confissão, êste acto de contrição basta para que Deus nos perdoe os nossos pecados. Mas, se mais tarde podemos confessar-nos, devemos dizer os nossos pecados ao sacerdote ao qual, por ser, sob êste ponto de vista, sucessor dos Apóstolos, Cristo deu o poder: "Cujos pecados tu perdoares, ser-lhes-ão perdoados; cujos pecados tu retiveres, ser-lhes-ão retidos".

O modo mais simples de alcançar a contrição perfeita é seguir os seguintes degráos:

A. Lembramo-nos quão bom Deus tem sido para conosco, quanto Êle nos tem dado, quão maravilhosas cousas Êle tem feito para nós, quantas vezes Êle nos tem perdoado os nossos pecados no passado, quão bom e generoso Pai tem sido. Então, considerando os nossos pecados, vemos quão abominàvelmente egoistas fomos, quão pouco fizemos por Êle; e com uma sensação de vergonha e arrependimento aproximamo-nos a um verdadeiro amor a Êle.

b. Lembramo-nos do [illegible] Olhamos para Jesús na cruz, e pensamos: "[illegible] n'O; fincaram os espinhos em Sua cabeça; impuzeram-Lhe nos ombros o peso da cruz carregada com os meus vícios; pregaram-n'O ao lenho e forçaram a lança a entrar em Seu peito". Estes pensamentos revelam-nos quão bom Deus tem sido: Antes de deixar-nos sentir as consequências de nossos pecados, quis Êle morrer na cruz por nós. Vemos quão terrível é o pecado, que pode matar o Filho de Deus — o homem mais amável que amou seus semelhantes e trabalhou por êles — do modo mais terrível.

c. Pensamos no que Deus em sua bondade tentou fazer pela humanidade. Quer que todos os seres humanos sejam seus filhos; quer torná-los felizes eternamente; deseja ardentemente levá-los ao paraíso. Mas, pelo pecado, os homens dizem: "Não seremos vossos filhos; não queremos que vós nos façais felizes; preferimos a cousa suja chamada pecado ao paraíso".

d. Todos êstes pensamentos levam inevitàvelmente à consideração de quão bom é Deus em si mesmo, quão amável, belo, infinitamente louvável. Então veremos por contraste os nossos pecados como são: crimes contra o bom Pai, insultos contra o ser mais belo do mundo; um ataque à Ssma. Trindade que encerra em si tôdas as perfeições que apreciamos no mundo — e muito, muito mais.

Afim de exprimir tudo isto, podemos servir-nos da seguinte fórmula:

"Ó meu Deus, arrependo-me dos meus pecados. Vós tendes sido tão maravilhosamente bom para comigo, e, em compensação, eu não vos tenho dado nada senão o mal e a ingratidão, egoismo e pecado. Sei que meus pecados pregaram Jesus na cruz e transformaram Seu corpo numa só terrível chaga mortal; fui eu que vos matei, meu Deus, com meus pecados. Sempre, meu bom Deus, tentastes fazer feliz o mundo, levar todos os homens ao céu; mas os pecados, meus pecados estragaram o vosso plano, destruiram a vossa obra, frustraram os vossos desejos de ver-nos felizes. Ó meu Deus, Santíssima Trindade, Pai bondoso, Filho que morrestes por mim, Espírito Santo que desejais viver em minha alma, vós sois tão bom. Em vós acha-se encerrada tôda a beleza do mundo inteiro, tôda a bondade que admiramos nos maiores dos mortais, tôda a misericórdia e tôda a perfeição elevada à altura divina. E o pecado faz-vos guerra, levanta a mão contra a vossa bondade, perturba os vossos planos, impede-vos de tornar feliz a humanidade. Estou arrependido. Amo-vos por tudo quanto sois e por tudo quanto tendes feito. Nunca permitais que, com meus pecados, trabalhe contra vós".

5. O Firme propósito de emenda

Êste também é essencial para uma boa confissão.

Se uma pessoa quer continuar com seus pecados, certamente não está arrependida dêles. Se alguém realmente odeia seus pecados e teme suas consequências, está decidido a não cometê-los de novo. Pedindo desculpa a um amigo, você quer dizer: "Desculpe: pode estar certo que não farei isto outra vez". Precisamente a mesma cousa deve dar-se, quando pedimos desculpa a Deus.

Um firme propósito de emenda, portanto, significa:

a. Estou tão arrependido de meus pecados que...

b. com a ajuda da graça de Deus e enquanto eu posso...

c. não cometerei de novo êstes ou quaisquer outros pecados.

Devemos notar que tal propósito pode ser firme mesmo quando, pela experiência do passado, sabemos que seremos tentados de novo. Até podemos ter um hábito de pecar que por nos ter vencido tantas vezes no passado, tememos pensar no futuro. Contudo, estamos arrependidos. Pomos nossa confiança em Deus. Estamos resolvidos a fazer tudo quanto podemos para não pecar outra vez. Pedimos auxílio. E sabemos que Deus está pronto a ajudar-nos.

O lado prático, entretanto, dêste propósito é principalmente a resolução de não atirar-nos para a tentação. Certa gente costuma levar-nos ao pecado; evitaremos esta gente; talvez — se isto fôr necessário — cortaremos as relações com êles. Se olharmos para certos quadros ou estampas, lermos certos livros, formos a certos lugares, pecaremos. Pois bem, tais quadros, livros, lugares estão eliminados. Se uma determinada espécie de trabalho nos leva sempre a pecar, tal trabalho não é para nós. Se julgamos certo tipo de divertimento sèriamente pecaminoso, não continuaremos com êle. Se certa conduta sempre nos leva a pecar, não arriscaremos tal conduta.

Tudo isto pertence ao que chamamos **ocasião para o pecado**. Estas ocasiões serão diferentes para pessoas diferentes. Nossa experiência própria com o que nos tem levado a pecar, nos indicará o mais certo estas ocasiões. Há homens que não podem beber um só copo de cerveja, sem ficarem totalmente bêbedos. Há tal outro que não pode permitir-se a mínima liberdade com uma mulher sem precipitar-se no pecado. Mais outro conhece seu fraco pelo dinheiro, sabe que não pode manejá-lo sem furtar. Há homens para os quais a bebida não é tentação nenhuma, que não se interessam por mulheres; que merecem confiança absoluta tratando-se de dinheiro.

Assim, as ocasiões de pecar são diferentes para cada um. O que me [illegible] vou a mim a pecar no passado: isto devo eu evitar. Se não quero ou pelo menos não tento bem sèriamente evitar os pecados, não estou realmente arrependido. Talvez esteja envergonhado ou com medo por causa dêles, mas não estou firmemente resolvido a evitá-los.

Às vezes torna-se necessária a restituição em caso de pecados mortais. Se alguém furtou dinheiro, deve estar determinado a devolvê-lo.

a. Geralmente, dinheiro roubado deve ser restituido à pessoa a quem foi roubado.

b. Se alguém não souber quem é a pessoa prejudicada ou não pode alcançá-la, o dinheiro pode ser dado aos pobres, a uma instituição caritativa, à Igreja.

c. Se alguém não puder restituir o dinheiro sem se trair, pode mandá-lo sem indicar o nome. Se a pessoa da qual se furtou o dinheiro, fôr rica ou da intimidade da pessoa culpada, e a restituição viria a trair o ladrão, o penitente pode dar o dinheiro aos pobres ou para fins caritativos.

d. Se o ladrão já não tiver o dinheiro, pode devolvê-lo quando lhe fôr possível. Às vezes, o dinheiro pode ser restituido sob a forma de trabalho extra, prestado em favor da pessoa lesada.

Restituição de outra espécie deve ser feita, quando alguém roubou o bom nome de outrem ou arruinou ou prejudicou a boa fama dêle. Deve dizer a verdade ou deve reparar o prejuizo, quando o que disse era a verdade.

Uma mentira que causou prejuizo e que pode ser corrigida, exige também satisfação.

6. A Confissão

Agiremos mui sàbiamente se pensamos breve, mas clara e vivamente no que vamos dizer ao fazer a confissão.

a. A confissão é o amável modo de Deus mostrar compaixão.

b. O sacerdote é meramente o representante de Cristo, que não ousará contar o que nós lhe dizemos, que, provàvelmente, já antes tem ouvido histórias como a nossa, que é geralmente bondoso e paciente, que deseja ajudar-nos, que está feliz, quando tem uma oportunidade de levar grandes pecadores de volta a Deus.

c. Podemos ver atraz do sacerdote a figura de Jesus Cristo que com um sorriso nos encoraja. Êle nos ama. Êle quer que sejamos Seus amigos. Êle gosta quando nos confessamos.

Fórmula: Quando o sacerdote está pronto para ouvir a confissão, sem esperar que êle fale — embora geralmente possamos ouvi-lo dando-nos a bênção inicial — dizemos:

a. "Padre, dai-me a vossa bênção, porque pequei".

b. "Há... (número de dias, semanas, meses) desde a minha última confissão".

Esta indicação é de grande valor para o sacerdote, pois, possibilita-lhe julgar se os pecados que confessamos, são hábitos. Assim três pensamentos impuros voluntàriamente entretidos durante, um dia ou uma semana seriam um hábito; três durante um ano não seriam hábito.

Se a nossa última confissão ou uma das anteriores NÃO foi boa [illegible] de falta de arrependimento, por termos calado propositalmente um pecado mortal, por não termos tido a intenção de pôr em ordem o passado ou por qualquer outra razão séria), a forma usada será diferente. Diremos: "As minhas duas (indicar o número correto) últimas confissões" ou "Minhas confissões durante o ano passado (ou... anos passados) ou "as minhas confissões desde a minha primeira Comunhão não foram bem feitas, porque (diga a razão) calei um pecado grave na confissão... não estava arrependido... não tinha vontade de romper com o pecado".

Em tal caso, o sacerdote provàvelmente interromperá o penitente, afim de ajudá-lo.

c. "Desde então acuso-me dos seguintes pecados":

O penitente diz então a espécie ou as espécies dos pecados mortais que cometeu, acrescentando quantas vezes os cometeu. Espécie e número devem ser mencionados sòmente quando se trata de pecados mortais.

d. Depois de ter confessado todos os pecados mortais e os pecados veniais que quis dizer, êle usa esta ou semelhante fórmula:

"Dêstes pecados e todos os que talvez tenha omitido e dos quais não me posso lembrar agora, peço humildemente perdão a Deus e a vossa absolvição, especialmente dêstes pecados de minha vida passada".

Então menciona qualquer pecado do passado:

(Conclue na 4ª página)

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

(CONTINUAÇÃO)

"Agora", sentenciou Manuel, "a seguinte questão é como abrir êste caixão?" E levou a mão à testa.

Carmelita inclinou-se, tomou da tampa e levantou-a.

"Assim", disse ela singelamente.

Mas Manuel não tinha comentário para esta observação. Seus olhos estavam colados no conteudo do caixão.

Deante dêle, em fileiras perfeitas, alinhavam-se seis colunas de bilhetes de banco — claros e estalando de novos.

Manuel lançou mão de um dos pacotes e correu-lhe a vista em cima.

"Estas são notas de cinco dólares", disse. "Aqui, tome e conte".

"Estas", observou o moço, enquanto Carmelita com seus dedos ágeis examinava o primeiro pacote, "não notas de dez dólares. E aqui está mais um de dez e mais três de vinte".

"Aqui tenho duzentos bilhetes", anunciou Carmelita.

"São pois mil dólares", comentou Manuel, usando todos os dedos para fazer a conta. "Ah! e aí há duzentos de dez, nesse maço — são dois mil".

"Olhe, Manuel", exclamou a menina. "Êstes maços têm todos o mesmo tamanho. Cada um deve conter duzentos. Oh, mas você é rico!"

"Espere", ordenou o rapaz. "Deixe-me contar".

Usando a picareta como lapis e um pedaço de terra arenosa como papel, o moço, depois de um sério esfôrço mental que durou quase meia hora, proclamou finalmente:

"Carmelita, aqui está a resposta: duzentos de cinco dólares, fazem mil dólares; quatrocentos de dez são quatro mil dólares, e seiscentos de vinte dá doze mil dólares. Somando tudo, tenho dezessete mil dólares!

"Pode ser que você seja o homem mais rico do mundo!" exclamou a menina, olhando o moço com admiração sincera e com profunda reverência.

"Não, Carmelita, não o sou. John D. Rockefeller, o americano, é mais rico, creio eu. Mas seu dinheiro está manchado, como dizem. Eu não queria ter dinheiro manchado".

"O seu", disse a moça, "é bonito e limpo".

"Carmelita..." começou o rapaz.

"Olhe aquí!" interrompeu-o a menina que acabava de remover o último maço de bilhetes de vinte dólares. "Olhe o que há aqui!"

Deitadas, uma ao lado da outra, havia vinte moedas de ouro brilhantes, tôdas do mesmo tamanho.

Manuel apanhou uma e esquadrinhou-a.

"É uma peça de dez dólares ouro", disse, "e doze delas fazem... quanto são dez vezes doze?"

"Cem", respondeu Carmelita.

"Cento e vinte, tola. Você está fraca em aritmética, Carmelita", disse êle, metendo, enquanto falava, as moedas no bolso.

"Você fica com isto tão rico como Rocker... Rocker...?"

"Não tanto, acho. Rockefeller é muito rico; mas eu sou o homem mais rico da colônia".

AÇÃO RÁPIDA

FRANCIS J. FINN, S. J.

(TRADUÇÃO)

"Você foi esperto quando comprou esta ilha", comentou a menina extasiada.

"Você, vê, Carmelita; aquele cocal, em dois anos, me renderá um bom pedaço de dinheiro, e se eu planar as outras peças, se fôr pescar duas ou três vezes por semana nem terei que tocar na minha fortuna".

Enquanto Manuel falava, o rosto de Carmelita sofreu uma mudança repentina. A admiração ingênua desapareceu.

"Por que é que você não diz **nossa** fortuna, Manuel?"

"Como é isso?" foi a pergunta aguda do moço.

"Eu disse **nossa** fortuna; nós ambos ganhamo-la".

"Que coragem! exclamou a menina.

"O solo é meu; a colina é minha. E fui eu que achei o lugar. Com mil raios, você quer-se meter?! Em todo o caso, quem lhe disse para ficar aqui? Eu não lhe pedi que cavasse. Eu não desejava que você me ajudasse. Pode ir embora se quiser".

"Eu quero ir", disse ela resolutamente. "E passarei para a outra ilhota ou vadeando ou a nado. E comprarei eu esta ilhota. Oferecerei mais do que você ofereça.

Manuel, embora nada deixasse que perceber, estava perturbado. Sentia que deveria [illegible] a menina. De ràto, era sua intenção, enquanto estava contando seu tesouro, recompensá-la generosamente. Mas o espírito de contradição, o demônio da perversidade acordara nele. E, se ela executasse a ameaça, se ela oferecesse mais e comprasse a ilhota, que êle já considerava como propriedade sua? Por um momento quedou-se indeciso. Mas o espírito depravado estava ainda forte nele. Afinal, a menina não tinha dinheiro à disposição. Possìvelmente, tudo foi ameaças vãs.

"Vá vadeando", disse, cruzando os braços. "Você poderá comprar a ilhota, mas o tesouro não será seu. Eu achei o tesouro antes que você pensasse em comprar o recife".

Fez uma pausa e considerou.

"Sim, vá vadeando ou nadando", acrescentou. "Se comprar a ilhota, o tesouro desaparecerá e será escondido de novo e ninguém terá o poder de achá-lo, senão eu mesmo. E... Ah! nem me lembrei disto ... se você oferecer trinta dólares, oferecerei cincoenta. Ande. Meta-se na água, e espero que todos os tubarões dêste mar lhe arranquem um bocado".

Carmelita, de pé, examinou o rosto dêle. Não lia nenhum sinal de uma mudança em favor dela — supremo desprezo estava estampado nêle.

"Está bem, vou. Espero que os tubarões me matem. Não importa. Estou ofendida".

Baixando a cabeça, enlaçando as mãos, e virando-se devagar, Carmelita caminhou com passos iguais para a água.

Ela não viu a mudança que se operou em Manuel. Êle, também, baixou a cabeça e corou. Sentiu que tinha feito uma cousa baixa e miserável. Ainda ninguém chamara-o baixo e miserável. Que devia fazer agora.?

Enquanto Manuel assim meditava, Carmelita atirou-se ao chão e rompeu num pranto desesperado.

"Perdoe, perdoe, Carmelita", gritou o rapaz, correndo para ela. Estava sòmente brincando. Nunca me veiu a idéia de não lhe dar nada. Sou um cavalheiro espanhol. Pare com êste chorar".

Mas Carmelita premeu os punhos contra os olhos e tentou em vão estancar o abundante fluxo de lágrimas e continuou a gemer.

"Escute, Carmelita. Recompensá-la-ei ricamente. Só pare com êste choro".

A menina fez um esforço; as lágrimas ainda corriam, mas ela ficou quieta.

"Diga, vou dar-lhe duas moedas de ouro e vinte notas de cinco dólares. Que pensa disto, Carmelita? Será quanto basta?"

"Você é muito bom, Manuel", disse ela, levantando-se. "Você é bondoso. Talvez você precise do dinheiro".

"E mesmo assim [illegible] quevou lhe dar vinte e cinco bilhetes de cinco dólares".

"Você é bom demais... oh, muito, muito bom demais. Eu não devia nada ganhar. Nem deveria estar aqui. O tesouro é todo seu".

"Dar-lhe-ei mais três moedas de ouro".

"Não ,não. Nada aceitarei. Oh! Manuel, você é bondoso, você é corajoso".

"Mas você deve aceitar alguma cousa. Está certo".

"Não, não. Obrigada. Não quero nada".

"Carmelita, insisto. Acho que lhe vou dar metade".

Carmelita, corou, corou exquisitamente e, tornando-se notàvelmente enleada, meteu um dedo na boca.

"Manuel, tenho uma boa idéia".

"Que é?"

"Está certo de que me deve dar alguma cousa?"

"Insisto em dar-lhe a metade".

"Mas, Manuel, nós... nós... eu... você... ora, Manuel, não seria necessário dar-me cousa alguma, se... se..."

"Se o quê, Carmelita?"

"Se... se... estivessemos casados!" Gaguejando estas últimas palavras, Carmelita cobriu o rosto com as mãos.

"Com todos os piratas!" gritou Manuel. "Sabe! nunca me lembrei disto?"

Manuel começou a passear de um lado para o outro. Carmelita guardou as mãos diante dos olhos.

"Êste plano", Manuel meditou em voz alta, "conservaria o tesouro unido".

Manuel continuou a passear; Carmelita permaneceu com o rosto escondido. Entretanto, embora Manuel não o soubesse, ela improvisou janelinha entre os dedos de cada mão .Se alguma cousa escapou à observação da jovem espertalhona, foi cousa de importância reduzidíssima.

(Continúa)

TU E A CONFISSÃO

(Conclusão)

1º Para aumentar o arrependimento.

2º Para apresentar aqueles pecados outra vez à misericórdia divina, caso se devesse ainda alguma pena do Purgatório por causa dêles.

3º Para precaver-se contra a sua repetição no futuro.

O penitente agora escuta atentamente, enquanto o sacerdote lhe dá os conselhos necessários, faz qualquer pergunta que julgue importante para tornar completa a confissão e indica a penitência.

O católico instruido sabe que o padre não está pesquizando curiosamente, quando faz perguntas. É simplesmente o melhor modo de ajudar o penitente a fazer a confissão mais perfeita possível e de socorrê-lo nas suas lutas futuras contra o pecado.

e. Enquanto o sacerdote está dando a absolvição, o penitente diz mais uma vez a Deus que está arrependido, usando uma fórmula costumada ou falando simplesmente assim como lhe vem do coração.

[illegible] da Confissão

A penitência [illegible] homem prudente reza-a logo. Deixar de cumprir deliberadamente a penitência imposta por um pecado mortal é por sua vez pecado mortal. Esquecer a penitência não torna inválida a confissão. Mas porque as orações impostas como penitência fazem parte de todo o sacramento da penitência, elas têm um valor especial para remover as penas do Purgatório merecidas pelos pecados.

Nestes tempos modernos, as penitências são relativamente leves. No passado, foram, às vezes, extremamente pesadas, durando em alguns casos longos anos.

Quando a absolvição fôr dada, o penitente brevemente agradece a Deus pela graça da confissão, renova a promessa de levar vida melhor e volta às suas ocupações, regulares.

Conclusão

Que modo melhor, mais bondoso, mais eficiente de ajudar ao pecador poderia Deus ter designado do que o sacramento da confissão?

Por isto, o católico bem instruido considera privilégio ir frequentemente confessar-se. Êle o considera um precioso e seguro modo de voltar a Deus depois do pecado, um meio de aliviar uma consciência perturbada e de obter o conselho experimentado e a direção de um confessor treinado; uma preparação para sua confissão final que êle fará como uma das partes dos últimos sacramentos antes da morrer.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina